

LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA

MENTZ, Daiane Andréia¹; KUSSLER, Arieli¹; MARTINUZZI, Pamela Ayres¹; VIANA, Alessandra Nazario¹; NONNENMACHER, Dalila Batista²

Palavras-Chave: Zoonose. Leishmania. Flebotomíneos. Cães.

A Leishmaniose Visceral é considerada primariamente uma zoonose. Seu agente etiológico são protozoários tripanosomatídeos do gênero *Leishmania*, parasita intracelular obrigatório das células do sistema fagocítico mononuclear, com uma forma flagelada ou promastigota, encontrada no tubo digestivo do inseto vetor e outra aflagelada ou amastigota, nos tecidos dos vertebrados. A Leishmaniose Visceral acomete os cães (Leishmaniose Visceral Canina), ocasionalmente marsupiais didelfídeos, e pode acometer o homem. Os vetores dessa doença são insetos denominados flebotomíneos. A infecção do vetor ocorre quando as fêmeas do mosquito, ao sugarem o sangue de mamíferos infectados, ingerem macrófagos parasitados por formas amastigotas da *Leishmania*. No Rio Grande do Sul, há casos da Leishmaniose Visceral Canina (LVC) principalmente em municípios que fazem fronteira com Argentina e Uruguai, alguns casos são autóctones e outros importados. Classicamente a LVC apresenta lesões cutâneas, principalmente descamação, em particular no espelho nasal e orelha, pequenas úlceras rasas, localizadas mais frequentemente ao nível das orelhas, focinho, cauda e articulações e pelo opaco. Nas fases mais adiantadas observa-se onicogrifose, esplenomegalia, linfadenopatia, alopecia, dermatites, úlceras de pele, ceratoconjuntivite, coriza, apatia, diarreia, hemorragia intestinal, edema de patas, vômito e hiperqueratose. Na fase final da infecção ocorre paresia das patas posteriores, caquexia, inanição e morte. Os animais infectados são classificados segundo os sinais clínicos apresentados, dessa forma são classificados em cães assintomáticos, nos quais há ausência de sinais clínicos sugestivos da infecção por *Leishmania*, os cães oligossintomáticos apresentam adenopatia linfóide, pequena perda de peso e pelo opaco, e os cães sintomáticos apresentam todos ou alguns sinais mais comuns da doença como as alterações cutâneas (alopecia, úlceras, hiperqueratose), onicogrifose, emagrecimento, ceratoconjuntivite e paresia dos membros posteriores. O diagnóstico clínico é difícil de ser determinado devido à grande porcentagem de cães assintomáticos ou oligossintomáticos existentes. O diagnóstico laboratorial baseia-se no exame parasitológico ou sorológico. Atualmente, para inquéritos em saúde pública os exames disponíveis para diagnóstico sorológico são a RIFI e o ELISA, mas de uma maneira geral o diagnóstico da LVC vem se apresentando como um problema para os serviços de saúde pública. As tentativas de tratamento de LVC, por meio de drogas tradicionalmente empregadas, tem tido baixa eficácia. Sendo assim, a prática da eutanásia canina é recomendada a todos os animais sororreagentes e/ou parasitológico positivo. Isso porque o cão tratado tem cura clínica, mas não parasitológica, por isso é proibida realização do tratamento, segundo a Portaria nº 1426 de julho de 2008.

¹ Acadêmicas do curso de Medicina Veterinária, Fundação Universidade de Cruz Alta.

² Profª M. Sc. de Metodologia da Pesquisa do curso de Medicina Veterinária – UNICRUZ.